

Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero

Maria Cristina Ferreira

Universidade Gama Filho

Resumo

Foi objetivo do presente trabalho replicar a estrutura bi-fatorial do sexismo (hostil e benevolente), proposta por Glick e Fiske (1996), bem como verificar as relações entre esses fatores e as diferenças de gênero no endosso a tal ideologia. A avaliação das atitudes sexistas hostis e benevolentes deu-se através do Inventário de Sexismo Ambivalente, composto de 22 afirmativas, com opções de resposta *Likert* de seis pontos, o qual foi respondido por uma amostra de 540 estudantes universitários de ambos os sexos. A análise dos resultados confirmou a estrutura bidimensional do sexismo, evidenciou a presença de uma correlação positiva significativa entre as escalas de sexismo hostil e benevolente e demonstrou que os homens apresentaram atitudes sexistas significativamente mais hostis que as mulheres. Os dados obtidos ofereceram suporte à teoria do sexismo ambivalente, que concebe o sexismo benevolente como uma forma de se legitimar o sexismo hostil e perpetuar as desigualdades de gênero.

Palavras-chave: sexismo; relações de gênero; atitudes sobre a mulher.

Hostile and benevolent sexism: Interrelations and gender differences

Abstract

The present work aimed at replicating the bi-factorial structure of sexism (benevolent and hostile sexism), as proposed by Glick and Fiske (1996), as well as verifying the relations between these factors and the gender differences concerning this ideology. The hostile and benevolent sexist attitudes were evaluated by the Ambivalent Sexist Inventory, composed by 22 questions in a 6-point Likert response format. It was answered by 540 university students from both sexes. The results supported the bi-dimensional structure of sexism and showed that the benevolent and hostile sexism scales were correlated. Moreover, it was observed that men had attitudes significantly more hostile than women. The data confirmed the ambivalent sexism theory that sees the benevolent sexism as a tool for legitimating the hostile sexism and perpetuating gender inequalities.

Key words: sexism; gender relations; attitudes toward women

A vida em sociedade leva os indivíduos a se defrontarem com várias manifestações de preconceito declaradas ou sutis, motivadas por diferenças de raça, gênero, orientação sexual, religião, nacionalidade, etnia, ideologia etc., as quais podem gerar sofrimento físico e psíquico, assim como graves conseqüências sociais e econômicas.

Trabalho foi apresentada no Simpósio *Relações sociais de gênero: Possibilidades e perspectivas de análise psicossocial* na XXXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia.

Endereço para correspondência: Rua Marquês de Valença, 80 apto. 602, CEP. 20550-030 Rio de Janeiro – RJ, E-mail: mcris@centroin.com.br.

O interesse pelo estudo científico do preconceito, sob a perspectiva psicossocial, surgiu a partir da clássica publicação da obra intitulada “A natureza do preconceito”, por Gordon Allport, em 1954, na qual foram lançadas as bases para as investigações a respeito da natureza de tal fenômeno, assim como dos métodos para a sua redução. Nessa obra, Allport (1954) conceituou o preconceito como uma antipatia ou hostilidade dirigida a grupos ou a membros específicos desses grupos, devido a generalizações incorretas.

Atualmente, porém, tornou-se consenso na literatura a tendência de se considerar o preconceito como uma atitude negativa dirigida aos membros de determinados grupos sociais, em função de sua pertença ao grupo (Smith e Mackie, 1995). Desse modo, o preconceito, enquanto um tipo particular de atitude, apresenta um componente cognitivo, um afetivo e um comportamental (Fiske, 1998).

O componente cognitivo expressa-se através de estereótipos, isto é, de crenças e representações a respeito dos atributos negativos que caracterizam os membros de determinados grupos sociais. Já o componente afetivo manifesta-se através de sentimentos e avaliações negativas dirigidas a certos grupos e configura o preconceito propriamente dito. O aspecto comportamental, por fim, associa-se à discriminação, ou seja, à tendência à prática de atos hostis e persecutórios aos membros de determinados grupos sociais, devido a sua pertença ao grupo.

Entre as diferentes possibilidades de expressão do preconceito encontra-se o sexismo, que compreende avaliações negativas e atos discriminatórios dirigidos às mulheres, em função de sua condição de gênero (Lips, 1993), e pode se manifestar sob a forma institucional ou interpessoal, muito embora a primeira propicie o contexto cultural adequado à segunda (Lott e Maluso, 1995).

Nesse sentido, o sexismo institucional associa-se às práticas de exclusão promovidas por entidades, organizações e comunidades que impõem às mulheres certas barreiras, impedindo-lhes assim de ter as mesmas oportunidades que os homens em situações de trabalho, na política, etc. Assim, por exemplo, no Brasil (Bruschini, 1994), bem como nos Estados Unidos (Glick, 1991; Lott, 1997), as mulheres cos-

tumam receber salários menores que os dos homens, nos mesmos cargos, além de serem excluídas de certas posições consideradas mais apropriadas ao sexo masculino. Já o sexismo interpessoal relaciona-se às atitudes e condutas negativas que os homens dirigem às mulheres nas relações interpessoais.

Na explicação do sexismo, as teorias feministas (Méndez, 1995, Zurutuza, 1993) partem do pressuposto de que a dicotomia público *versus* privado característica da sociedade patriarcal, na qual coube ao homem o controle das instituições econômicas, legais e políticas e, à mulher, o cuidado da casa e dos filhos e a satisfação da sexualidade do marido, dotou o homem com um poder estrutural que lhe concedeu a primazia de grupo dominante e fez com que a família se constituísse em lócus privilegiado de reprodução dos valores patriarcais referentes à superioridade masculina e à inferioridade feminina.

Esses valores, constantemente reforçados durante o processo de socialização, é que levam os meninos a desenvolverem representações de masculinidade associadas à figura do homem como forte, dominador e responsável pelo sustento da família e representações de feminilidade relacionadas à mulher como uma pessoa dócil, submissa e responsável pelo lar e pela prole. Tais representações sobre a supremacia masculina compõem, portanto, o substrato psicológico que justifica as atitudes de discriminação, opressão e dominação feminina.

Em síntese, para as teorias feministas, o sexismo pode ser entendido como um resquício da cultura patriarcal, isto é, como um instrumento utilizado pelo homem para garantir as diferenças de gênero, que se legitima através das atitudes de desvalorização do sexo feminino que vão se estruturando ao longo do curso do desenvolvimento, apoiadas por instrumentos legais, médicos e sociais que as normatizam.

A literatura mais recente tem mostrado, contudo, que as atitudes tradicionais a respeito da mulher vêm sendo substituídas por novas formas de sexismo, nas quais a antipatia a elas dirigida tem se expressado de forma simbólica ou indireta. Assim é que Swim, Aikin, Hall e Hunter (1995), tomando por base o tipo de diferenciação que vem sendo adotada na área

do racismo (McConahay, 1986; Sears, 1988), distinguiram entre uma forma de sexismo antigo (*old-fashioned*) e uma forma de sexismo moderno. O sexismo antigo define-se pelo endosso a papéis de gênero tradicionais, tratamento diferencial entre mulheres e homens e estereótipos sobre a menor competência feminina, enquanto o sexismo moderno associa-se à negação de que a discriminação contra a mulher ainda exista e a um antagonismo contra as atuais lutas da mulher por maior inserção na sociedade e contra o suporte governamental a políticas destinadas a apoiar a população feminina. O sexismo moderno, portanto, baseia-se, também, em sentimentos negativos sobre as mulheres, muito embora eles sejam mais encobertos e relacionados a práticas mais contemporâneas (Deaux e LaFrance, 1998).

A literatura mais recente tem mostrado, contudo, que as atitudes tradicionais a respeito da mulher vêm sendo substituídas por novas formas de sexismo, nas quais a antipatia a elas dirigida tem se expressado de forma simbólica ou indireta. Assim é que Swim, Aikin, Hall e Hunter (1995), tomando por base o tipo de diferenciação que vem sendo adotada na área do racismo (McConahay, 1986; Sears, 1988), distinguiram entre uma forma de sexismo antigo (*old-fashioned*) e uma forma de sexismo moderno. O sexismo antigo define-se pelo endosso a papéis de gênero tradicionais, tratamento diferencial entre mulheres e homens e estereótipos sobre a menor competência feminina, enquanto o sexismo moderno associa-se à negação de que a discriminação contra a mulher ainda exista e a um antagonismo contra as atuais lutas da mulher por maior inserção na sociedade e contra o suporte governamental a políticas destinadas a apoiar a população feminina.

O sexismo moderno, portanto, baseia-se, também, em sentimentos negativos sobre as mulheres, muito embora eles sejam mais encobertos e relacionados a práticas mais contemporâneas (Deaux e LaFrance, 1998).

Os autores (Swim e cols., 1995) verificaram, ainda, que as duas formas de sexismo, operacionalizadas através de uma escala desenvolvida para esse fim, apresentaram-se como duas dimensões independentes, porém correlacionadas, numa indicação de que as pessoas que endossam atitudes sexistas mais modernas

contra a mulher apresentam maior probabilidade de aderir, também, às atitudes mais tradicionais. Por outro lado, foi observado que os homens apresentaram resultados significativamente mais altos que as mulheres em ambas as formas de sexismo.

De modo semelhante, Tougas, Brown, Beaton e Joly (1995) encontraram uma alta correlação entre uma medida de neo-sexismo por eles desenvolvida e uma outra medida de sexismo antigo, embora tenham constatado que apenas o neo-sexismo constituía um bom preditor das atitudes a respeito da ação afirmativa. Nesse sentido, concluíram que a existência de uma norma social geral contra o sexismo faz com que as pessoas camuflam suas crenças negativas sobre a mulher através de um discurso de igualdade, razão pela qual as escalas de sexismo moderno seriam mais adequadas à identificação dos sentimentos negativos contra a mulher prevalentes na sociedade contemporânea.

Glick e Fiske (1996) ofereceram uma significativa contribuição ao estudo dessas novas formas de sexismo, ao se deterem na análise da ambivalência a elas associada. Desse modo, propõem que esse tipo de preconceito expressa-se através de duas diferentes facetas – sexismo hostil e sexismo benevolente –, com a primeira manifestando-se através de grande antipatia contra a mulher e, a segunda, por meio de sentimentos e condutas positivas em relação a mulher (como, por exemplo, a afirmação de que “o homem não pode viver sem a mulher”).

Na explicação das origens do sexismo hostil, os autores (Glick e Fiske, 1996) concordam com as teorias feministas, ao defenderem a idéia de que a supremacia e a dominação masculinas que caracterizam a ideologia patriarcal, ao reforçarem os papéis sociais assinalados aos gêneros e, conseqüentemente, os estereótipos associados a tais papéis, constituem a base dessa modalidade de preconceito que, nos dias de hoje, dirige-se particularmente às mulheres que desafiam o poder masculino (feministas), brigam por ele (mulheres em altos cargos) ou procuram controlá-lo (mulheres que seduzem os homens).

Em contrapartida, o fato de caber às mulheres a função biológica da reprodução e a

função social de cuidar da casa e dos filhos, assim como satisfazer as necessidades masculinas de intimidade e satisfação sexual, levou ao desenvolvimento de uma outra forma de ideologia social que se expressa na superioridade feminina nas relações diádicas, na visão idealizada da mulher como objeto romântico e nas atitudes de reverência e proteção a seu papel de mãe e esposa que configuram o sexismo benevolente.

Desse modo, Fiske e Glick (1995) assinalam que tanto o sexismo hostil quanto o benevolente são compostos de três diferentes componentes: o paternalismo, a diferenciação de gênero e o heterossexualismo. O paternalismo diz respeito à tendência do homem interagir com a mulher como um pai, o que implica tanto a expressão de uma figura de autoridade (*paternalismo dominador ou hostil*) quanto a manifestação da figura do provedor e protetor (*paternalismo benevolente*). A diferenciação de gênero compreende um pólo *competitivo*, no qual o homem, ao se identificar com seu próprio gênero, passa a desenvolver atitudes competitivas em relação às mulheres como forma de manter sua auto-estima elevada, e um pólo *complementar*, expresso em atitudes positivas suscitadas pelas representações a respeito dos papéis de mãe e esposa. Por fim, os homens se alternam entre o desejo de manter relações íntimas e prazerosas com as mulheres (*intimidade heterossexual*) e o desejo de dominá-las, em virtude de se sentirem ressentidos com a vulnerabilidade que demonstram nas relações íntimas (*hostilidade heterossexual*).

Cumpra registrar, entretanto, que para Glick e Fiske (1996), o sexismo benevolente, apesar de se manifestar através de atitudes de proteção, idealização e afeto dirigidas às mulheres e, em conseqüência, ser por vezes até aceito por elas, é apenas subjetivamente positivo (“a mulher não é explorada, mas ao contrário é protegida e amada”), já que ele se encontra permeado pela mesma ideologia subjacente ao sexismo hostil (“a mulher pertence ao grupo mais fraco e inferior, e por isso precisa ser cuidada e protegida”).

Em outras palavras, o sexismo benevolente, ao se apoiar em crenças sobre a inferioridade feminina, típicas da ideologia patriarcal, serve apenas para justificar o poder masculino e reforçar, desse modo, as desigualdades de

gênero. Assim, por exemplo, o fato de um homem elogiar uma colega de trabalho por sua beleza, mas não por sua competência, pode encobrir a crença de que os homens são superiores às mulheres no que diz respeito à competência profissional.

Fundamentando-se nessas concepções teóricas, Glick e Fiske (1996) desenvolveram o Inventário de Sexismo Ambivalente e validaram-no através de seis diferentes estudos envolvendo estudantes universitários e pessoas adultas, em que se verificou a presença de dois diferentes fatores associados à estrutura bidimensional que norteou a construção do instrumento, os quais mantinham forte correlação positiva entre si. Os autores constataram, ainda, que a escala de sexismo hostil apresentou correlações com a escala de sexismo moderno de Swim e cols. (1995), o mesmo não acontecendo, entretanto, com a escala de sexismo benevolente. No que diz respeito às diferenças de gênero, observou-se que os homens tenderam a apresentar resultados significativamente mais altos que as mulheres em ambas as escalas, embora tais diferenças tenham sido mais acentuadas no caso da escala de sexismo hostil.

A análise dos estudos que vêm sendo realizados com o Inventário de Sexismo Ambivalente revela que tal instrumento tem demonstrado boas características psicométricas, no que se refere à identificação e comparação de atitudes sexistas hostis e benevolentes, não apenas em amostras norte-americanas, mas também em amostras chilenas (Mladinic, Saiz, Diaz, Ortega e Oyarce, 1998), mexicanas (Expósito, Moya e Glick, 1998), coreanas (Kim, 1998) e alemãs (Eckes e Six-Materna, 1999). Considerando-se entretanto a inexistência de estudos brasileiros direcionados à abordagem de tais questões, o presente estudo pretendeu verificar a estrutura fatorial do referido inventário em amostras brasileiras, bem como as interrelações entre seus fatores e as diferenças de gênero manifestas no endosso a eles.

Método

Amostra

A amostra foi composta por 540 estudantes universitários pertencentes a vários cursos das áreas humanas e tecnológicas de diferentes instituições de ensino públicas e privadas localizadas na cidade do Rio de Janeiro.

Suas idades variaram de 17 a 28 anos, com média de 21,83. Desse total, 50% eram do sexo masculino e os outros 50% do sexo feminino.

Instrumento

Atendendo às recomendações de Brislin (1986), as 22 afirmativas que compõem a versão original do Inventário de Sexismo Ambivalente (Glick e Fiske, 1996) foram inicialmente traduzidas para o português por duas pessoas bilíngües que trabalharam independentemente. Em seguida, duas outras pessoas bilíngües retraduziram os itens para o idioma inglês. Posteriormente, a autora do estudo avaliou as traduções e retraduições e resolveu as discrepâncias entre elas, mantendo a preocupação de dar maior destaque ao significado conotativo dos itens.

Embora a versão original do instrumento fosse composta de itens fraseados positiva e negativamente, alguns pesquisadores (Expósito, Moya e Glick, 1998; Mladinic, Saiz, Diaz, Ortega e Oyarce, 1998) constataram que os itens negativamente fraseados não se mostraram muito adequados à tradução, razão pela qual optaram por trabalhar com todos os itens fraseados no sentido positivo.

Desse modo, a adaptação brasileira do Inventário de Sexismo Ambivalente também utilizou as 22 afirmativas fraseadas positivamente.

Procedimento

A aplicação dos questionários ocorreu de forma individual ou coletiva, nas próprias salas de aula. Os participantes foram solicitados a participar de uma pesquisa destinada a investigar a percepção das pessoas a respeito das relações mantidas por diferentes grupos sociais.

Aos que concordaram em participar, foi pedido que dessem sua opinião sobre cada uma das frases constantes no questionário, em escalas *Likert* de 6 pontos, variando de “discordo fortemente” (1) a “concordo fortemente” (6).

Resultados

Com o intuito de se verificar a estrutura fatorial da versão brasileira do Inventário de Sexismo Ambivalente, a matriz de intercorrelações obtida com os dados da aplicação do questionário foi submetida à análise dos componentes principais, que extraiu cinco fatores com *eigenvalues* acima de 1, os quais foram

responsáveis por 52% da variância total do instrumento. Contudo, o teste gráfico (*scree test*) revelou que o número ideal de fatores a serem extraídos era de no máximo quatro.

Nesse sentido, foram realizadas, em seguida, análises fatoriais dos eixos principais com soluções antecipadas de dois a quatro fatores, através dos métodos de rotação ortogonal (*Varimax*) e oblíqua (*Oblimin*), separadamente nas amostras masculina e feminina, assim como na amostra total.

A solução de dois fatores com rotação oblíqua foi a que forneceu a melhor representação da estrutura interna da escala, em todos os tipos de amostras. Por essa razão, a Tabela 1 apresenta apenas as cargas fatoriais derivadas da amostra total, sendo possível observar que a estrutura fatorial obtida reproduziu fielmente a estrutura original, com os itens apresentando cargas fatoriais elevadas (iguais ou acima de 0,30) em um fator associado ao sexismo hostil ou em um outro fator relacionado ao sexismo benevolente.

Tais fatores foram responsáveis por 29% da variância do instrumento, obtiveram *eigenvalues* iguais a 4,33 e 1,95 e sua consistência interna, calculada através do coeficiente Alfa de Cronbach, revelou resultados de 0,84 e 0,75, respectivamente.

Em seguida, foi calculado o coeficiente de correlação de Pearson entre os escores obtidos nos dois diferentes fatores da escala, separadamente nas amostras masculina e feminina, tendo-se verificado a presença de correlações positivas significativas ($r_{xy} = 0,19$; $p < 0,001$, na amostra masculina e $r_{xy} = 0,39$, $p < 0,000$, na amostra feminina) em ambas as amostras, muito embora a correlação obtida na amostra feminina tenha sido superior à observada na amostra masculina.

Para se verificar a existência ou não de diferenças de gênero no endosso às duas diferentes formas de sexismo, foram calculados testes *t* entre os escores obtidos pelas amostras feminina e masculina nas escalas de sexismo hostil e benevolente, tendo-se constatado que os homens (Média = 41,76) apresentaram escores significativamente mais altos que as mulheres (Média = 30,77) na escala de sexismo hostil ($t = 13,13$; $p < 0,000$), o mesmo não acontecendo com a escala de sexismo benevolente, que não diferenciou entre os dois sexos.

Tabela 1. Cargas fatoriais das escalas de sexismo

Itens	Benev.	Hostil
1. Não importa o quanto seja realizado, o homem não é verdadeiramente homem se não tiver o amor de uma mulher	0,58	----
3. Num desastre, as mulheres devem ser salvas antes dos homens	0,30	----
6. As pessoas não conseguem ser totalmente felizes na vida se não estiverem envolvidas romanticamente com uma pessoa do sexo oposto	0,41	----
8. Muitas mulheres têm uma pureza que poucos homens possuem	0,45	----
9. As mulheres devem ser amadas e protegidas pelos homens	0,46	----
12. Todo homem deve ter uma mulher que ele adore	0,60	----
13. Os homens não são totalmente completos sem as mulheres	0,60	----
17. Uma boa mulher deve ser colocada num pedestal pelo seu homem	0,42	----
19. As mulheres costumam ter mais sensibilidade moral que os homens	0,49	----
20. O homem deve estar disposto a fazer sacrifícios para satisfazer as necessidades financeiras de sua mulher	0,35	----
22. As mulheres costumam ter mais bom gosto e uma cultura mais refinada que os homens	0,38	----
2. Muitas mulheres, com a desculpa de buscarem igualdade, estão querendo favores especiais	----	0,55
4. A maioria das mulheres interpreta observações ou atos inocentes como discriminatórios	----	0,61
5. As mulheres se ofendem muito facilmente	----	0,63
7. As feministas estão querendo que as mulheres tenham mais poder que os homens	----	0,55
10. A maioria das mulheres não avalia plenamente tudo que os homens fazem por elas	----	0,61
11. As mulheres querem obter poder para exercer controle sobre os homens	----	0,62
14. As mulheres exageram os problemas que têm no trabalho	----	0,69
15. Quando uma mulher conquista um homem ela costuma mantê-lo sob rédea curta	----	0,48
16. Quando as mulheres perdem para os homens numa competição justa, elas em geral se queixam de ter sido discriminadas	----	0,61
18. As mulheres gostam de provocar os homens, parecendo estar disponíveis para depois recusar os convites masculinos	----	0,41
21. As exigências que as feministas fazem aos homens costumam ser absurdas	----	0,47

Discussão

Foi objetivo do presente trabalho investigar se a estrutura bi-fatorial do Inventário de Sexismo Ambivalente poderia ser replicada em amostras brasileiras, bem como avaliar as interrelações entre suas dimensões e as diferenças de gênero manifestas no endosso a tais atitudes sexistas.

A análise dos resultados evidenciou que a estrutura bi-dimensional obtida com a análise fatorial da versão brasileira do Inventário de Sexismo Ambivalente reproduziu integralmente as duas formas de sexismo – hostil e benevolente – reveladas no estudo original com a escala, numa indicação de que essas duas formas de sexismo constituem construtos independentes. Por outro lado, os índices psicométricos obtidos com o referido instrumento no estudo atual atestam que ele constitui um instrumento válido e fidedigno à mensuração de tais construtos em amostras brasileiras.

Apesar de o sexismo hostil e benevolente constituírem construtos independentes, eles

se apresentaram, entretanto, positivamente correlacionados, o que se mostra coerente com resultados anteriores obtidos por Glick e Fiske (1996) e denota que essas duas formas de sexismo consistem em facetas ideológicas de um mesmo sistema de recompensas e punições que se aplica diferencialmente a homens e mulheres em função da posição que ocupam na hierarquia de poder determinada pelo gênero.

A existência dessas duas formas de sexismo mostra-se também congruente com resultados anteriores (Eagly & Mladinic, 1989; Eagly & Mladinic, 1994; Eagly, Mladinic & Otto, 1991) reportados na literatura sobre estereótipos de gênero, segundo os quais as mulheres são avaliadas mais favoravelmente que os homens em traços expressivos, que as qualificam para o desempenho de papéis domésticos, sendo, ao contrário, avaliadas mais desfavoravelmente em traços instrumentais, associados ao exercício de funções de liderança típicas de um domínio masculino. Nesse sentido, é possível supor que os estereótipos negativos estari-

am associados ao sexismo hostil, enquanto os estereótipos positivos estariam associados ao sexismo benevolente.

Apesar de os homens terem se mostrado mais sexistas que as mulheres, no que diz respeito ao endosso ao sexismo hostil, o mesmo não aconteceu nas comparações realizadas com a escala de sexismo benevolente, na qual não ocorreram diferenças de gênero. Em outras palavras, as mulheres rejeitam o sexismo hostil, mas aceitam o sexismo benevolente na mesma proporção em que os homens, talvez porque o primeiro esteja associado a punições, ofensas e opressões, enquanto o segundo lhes garante proteção, admiração e afeto masculino. O sexismo benevolente seria, portanto, uma forma de levar a mulher a aceitar o maior poder estrutural dos homens e ainda se sentir recompensada por isso, já que esse poder estaria servindo para lhe proteger.

Considerando-se, por outro lado, que o sexismo benevolente encontra-se permeado pela mesmo tipo de ideologia patriarcal que caracteriza o sexismo hostil, cuja função precípua é reforçar as desigualdades de gênero, é lícito supor que, conforme apontado por Jost e Banaji (1994), os grupos minoritários e em desvantagem na hierarquia social acabam por adotar as mesmas crenças do grupo dominante e majoritário. Desse modo, as mulheres, ao endossarem em grau semelhante ao dos homens o sexismo benevolente, estariam adotando o mesmo tipo de ideologia hierárquica e desigual que se encontra subjacente a tais atitudes. Com isso, estariam contribuindo, em última análise, para a legitimação do sexismo hostil e para reforçar a percepção de que os homens não as dominam, mas, ao contrário, as protegem, admiram e lhes servem de companhia na intimidade.

Tomados em conjunto, os dados ora obtidos podem ser vistos, além disso, como uma evidência adicional a favor da posição de que o sexismo benevolente e hostil caracterizam-se por serem ideologias válidas transculturalmente, já que os atuais achados mostraram grande convergência com resultados anteriores oriundos de amostras diversificadas, que incluíam indivíduos norte-americanos, mexicanos, chilenos, coreanos e alemães.

Tais evidências de caráter transcultural indicam, portanto, que as desigualdades de gênero continuam sendo legitimadas por homens e mulheres pertencentes a diferentes grupos nacionais. Neste sentido, é possível que as diferentes políticas e estratégias de intervenção destinadas a reduzir essas desigualdades estejam esbarrando não apenas na resistência explícita dos homens, mas na resistência simbólica das próprias mulheres que, ao mesmo tempo em que almejam conquistar maior autonomia e independência no espaço público, desejam também continuar mantendo uma certa dependência em relação aos homens, sobretudo no que diz respeito ao espaço privado. Parece, assim, que as mulheres ainda não tomaram consciência do modo sutil através do qual o sexismo benevolente perpetua os valores patriarcais que lhes limitam as oportunidades e lhes impedem o alcance de determinadas metas.

Referências bibliográficas

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Brislin, R. W. (1986). The wording and translation of research instruments. Em W. J. Lonner e J. W. Berry (Orgs.). *Field methods in cross-cultural research* (pp. 137-164). Newbury Park, CA: Sage.
- Bruschini, C. (1994). O trabalho da mulher no Brasil: Tendências recentes. Em H. I. B. Saffioti e M. Muñoz-Vargas (Orgs.). *Mulher brasileira é assim* (pp. 63-93). RJ: Rosa dos Tempos.
- Deaux, K. e LaFrance, M. (1998). Gender. Em D. T. Gilbert; S. T. Fiske e G. Lindzey (Orgs.). *The handbook of social psychology* (4ª ed., Vol. I, pp. 788-827). Boston, MA: McGraw-Hill.
- Eagly, A. e Mladinic, A. (1989). Gender stereotypes and attitudes toward women and men. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 15, 543-558.
- Eagly, A. e Mladinic, A. (1994). Are people prejudiced against women? Some answers from research on attitudes, gender stereotypes, and judgments of competence. Em W. Stroebe e M. Hewstone (Orgs.). *European Review of Social Psychology* (Vol. 5, pp. 1-35). New York: John Wiley.

- Eagly, A.; Mladinic, A. e Otto, S. (1991). Are women evaluated more favorably than men? An analysis of attitudes, beliefs, and emotions. *Psychology of Women Quarterly*, 15, 203-216.
- Eckes, T. e Six-Materna, I. (1999). Hostilität und benevolenz: Eine skala zur erfassung des ambivalenten sexismus. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 30, 211-228.
- Expósito, F.; Moya, M. e Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología Social*, 13, 159-169.
- Fiske, S. T. (1998). Stereotyping, prejudice, and discrimination. Em D. T. Gilbert; S. T. Fiske & G. Lindzey (Orgs.). *The handbook of social psychology* (4ª ed., Vol. II, pp. 357-411). Boston, MA: McGraw-Hill.
- Fiske, S. T. e Glick, P. (1995). Ambivalence and stereotypes cause sexual harassment: A theory with implications for organizational change. *Journal of Social Issues*, 51, 97-115.
- Glick, P. (1991). Trait-based and sex-based discrimination in occupational prestige, occupational salary, and hiring. *Sex Roles*, 25, 351-378.
- Glick, P. e Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-512.
- Jost, J. T. e Banaji, M. R. (1994). The role of stereotyping in system-justification and the production of false-consciousness. *British Journal of Social Psychology*, 33, 1-27.
- Kim, H. J. (1998). Men's motivation toward women and sexual harassment. *The Korean Journal of Psychology: Women*, 3, 133-147.
- Lips, H. (1993). *Sex and gender*. Mountain View, CA: Mayfield.
- Lott, B. (1997) The personal and social correlates of a gender difference ideology. *Journal of Social Issues*, 53, 279-298.
- Lott, B. e Maluso, D. (1995). Introduction: Framing the questions. Em B. Lott e D. Maluso (Orgs.). *The social psychology of interpersonal discrimination* (pp. 1-11). New York: The Guilford Press.
- McConahay, J. B. (1986). Modern racism, ambivalence, and the Modern Racism Scale. Em J. F. Dovidio & S. L. Gaertner (Orgs.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 91-125). Orlando, FL: Academic Press.
- Méndez, C. L. (1995). Violencia en la pareja. Em H. Maturana; F. Coddou; H. Montenegro; G. Kunstmann e C. L. Méndez (Orgs.). *Violencia en sus distintos ambitos de expression* (pp. 23-38). Santiago: Dolmen Ediciones.
- Mladinic, A.; Saiz, J. L.; Diaz, M. Ortega, A. e Oyarce, P. (1998). Sexismo ambivalente en estudiantes universitarios chilenos: Teoria, medición y diferencias de género. *Revista de Psicología Social y Personalidad*, 14, 1-14.
- Sears, D. O. (1988). Symbolic racism. Em P. A. Katz e D. A. Taylor (Orgs.), *Eliminating racism: Profiles in controversy* (pp. 53-84). New York: Plenum Press.
- Smith, E. R. e Mackie, D. M. (1995). *Social Psychology*. New York: Worth Publishers.
- Swim, J. K.; Aikin, K. J.; Hall, W. S. e Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 199-214.
- Tougas, F.; Brown, R.; Beaton, A. M. e Joly, S. (1995). Neosexism: Plus ça change, plus c'est pareil. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 842-849.
- Zurutuza, C. (1993). Breve introdução teórica ao tema "violência contra a mulher em relações de casal". Em Red Nacional por la Salud de la Mujer-Argentina (Org.). *Entre pildoras, mandatos y emociones* (pp. 90-120). Buenos Aires: RED.